

UMA “DIDÁTICA DA INVENÇÃO”: ENSINO DE POESIA NOS 4º E 5º ANOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA

OLIVEIRA, Meirilayne Ribeiro deⁱ; CAMARGO, Goiandira de Fátima Ortiz deⁱⁱ.

Palavras-chave: poesia para a infância; didática de leitura; ensino fundamental

1. JUSTIFICATIVA/BASE TEÓRICA

Muito já se discutiu sobre a necessidade de se repensar as ações da escola como formadora de leitores críticos do seu momento histórico-social e, sobretudo, humanos no que diz respeito à capacidade de reflexão sobre os sentidos da vida. Para tanto, a poesia destaca-se por desenvolver o sentido lúdico e a abstração. Contudo, os resultados do projeto de pesquisa *Leitura e Interpretação de Poesia nas 3ª e 4ª séries do Ensino Fundamental*¹ e seus desdobramentos confirmaram que o trabalho ínfimo com o texto poético nas escolas é resultado, principalmente, do despreparo do professor para a formação de leitores, ao qual o livro didático contribui com propostas equivocadas e errôneas.

A perpetuação de práticas de ensino já superadas no plano teórico demonstra que estamos diante de uma questão prática, à qual é preciso responder também com soluções práticas. Neste sentido, Franco destaca que não basta incluir o texto poético nas aulas, mas “são necessárias a competência científica e a capacidade pedagógica” (1999, p.12) na sua abordagem.

Assim, diante da realidade de um professor que não possui a leitura, em geral, como uma prática autônoma, para um trabalho (de qualidade) em sala de aula com o texto poético, antes se faz necessário garantir o acesso dos professores a ele, como também ao arcabouço teórico crítico e didático de uma forma consistente e aplicada.

Por tudo isso, justifica-se a produção de uma antologia de poesia para a infância comentada, na qual a proposta para o trabalho com o poema não se limite a perguntar o que significa, ou o que deve ser admirado, mas que a atividade seja motivada e significativa para o aluno (GUEDES), de forma a conduzi-lo à “liberdade da linguagem” (JEAN, 1989, p. 14) e a sua constituição como sujeito. (YUNES)

Considerando que as experiências vividas na infância são fundamentais para a sedimentação dos hábitos que acompanharão o indivíduo por toda a vida, o cuidado com as atividades de leitura na primeira fase torna-se imprescindível. Porém, o enfoque nos dois últimos anos da primeira fase amplia as ações, já que a criança nesse período possui uma maior capacidade de abstração. Porém, os conceitos que embasam esse trabalho e as reflexões dele resultantes serão aplicáveis a todos os níveis de ensino, respeitando-se as devidas proporções.

2. OBJETIVOS

A pesquisa se propõe a refletir sobre conceitos fundamentais para o professor como leitura, poesia e texto. Para, então, desenvolver uma antologia comentada de poesia para a infância que atenda a necessidade do educador de um material de apoio coerente e adequado às potencialidades das crianças dos 4º e 5º anos da educação básica.

3. METODOLOGIA

O projeto iniciou-se com a investigação teórica sobre leitura, poesia e metodologia de ensino de poesia. Paralelo a esse estudo, fez-se o levantamento de títulos de poesia para a infância a partir de acervos pessoais e referências como Fundação Nacional do Livro Infante-Juvenil e catálogos do programa Cantinho de Leitura da Secretaria Estadual de Educação de Goiás, de editoras e na Internet. As bibliotecas públicas municipais e estaduais que têm espaço dedicado à literatura infante-juvenil foram visitadas e consultados os seus acervos.

¹ Projeto desenvolvido em 2005 por nós sob financiamento do PROLICEN/UFG.

O trabalho prossegue com a seleção e análise dos 40 poemas que comporão a antologia. Na etapa seguinte, os estudos teóricos serão associados ao *corpus* selecionado para a elaboração dos comentários aos poemas e das propostas de atividades que os acompanharão.

4. ANÁLISE DOS DADOS

A pesquisa está em andamento, por isso o que se apresenta aqui são os resultados da primeira etapa: a investigação teórica.

Ao se pensar em leitura, a primeira idéia é a de uma atividade de reatualização essencialmente cognitiva. (COSCARELLI, 1996) Entretanto, quando se busca a formação de leitores competentes uma única perspectiva não é suficiente. Afinal, a leitura também é uma atividade social, na qual a “relação entre o leitor e os sentidos do texto é ideologicamente constituída e a interpretação do sujeito-leitor oferecerá sempre a marca do imaginário intelectual de sua época”. (CYNTRÃO, 2004, p. 20) Como prática coletiva, a leitura, associada à escrita, permite a transmissão do conhecimento e sua análise. Voltando ao aspecto individual, a leitura como atividade de interação entre o texto e o leitor (JOUVE, 2002) também é experiência, e como tal, transformação. Afinal, “diante de um texto, o leitor não apenas decodifica signos: ao compreendê-lo, transforma-o e transforma-se também. Por esse motivo, a leitura é fundamental à formação do indivíduo”. (MELLO, 1995, p. 170)

A partir do objetivo de formação, a poesia salta em importância porque é o gênero que ao flexibilizar os significados da língua, através da ambigüidade, também flexibiliza o real; questionando-o, transgride porque no universo simbólico não existem estruturas inabaláveis; um tipo de texto no qual não apenas os sinais gráficos que formam palavras possuem significados, mas também o espaço que ocupam ou não. Isto é, no poema o espaço em branco também é uma ferramenta de sentido. Em se tratando de poesia para a infância, a particularidade está no tratamento do discurso, já que para a criança “o lógico e o estranho convivem *naturalmente*”. (CASTRO, 1994, p. 157) E, como o jogo na infância está intrinsecamente ligado à experiência, não apenas ao prazer, a poesia infantil possui como arcabouço a brincadeira que proporciona a “*mestria* no uso da língua”. (1999, p. 64)

Porém, a escolarização da literatura, por conseguinte, da poesia, tornou-se um grave problema, já que ela recebe o mesmo tratamento positivista que qualquer outra disciplina. Por isso, na sociedade moderna na qual a escola cumpre o papel, antes da família, de transmissora da cultura, o ensino de poesia deve ser pensado como alternativa para superar a generalização da capacidade de sonhar, “a insensibilidade – mascarando uma série de limitações que impedem o cidadão de descodificar os mais variados textos que se lhe deparam a cada momento -” e a falta de espaço e tempo para a reflexão, em oposição à morte do sonho, a indisponibilidade para a leitura e à “*vertigem post-industrial*”. (1999, p. 12)

Deste modo, a experiência da poesia ocorre em um espaço de aprendizagem – não exclusivamente a sala de aula -, constituindo-se em uma vivência partilhada. Assim, o professor é o mediador no processo de formação de leitores, ou seja, sujeitos autônomos, capazes de desenvolver a leitura como prática individual. A família continua ocupando um papel fundamental nesse processo, porém, sabemos que raramente o cumpre. Nesse contexto, o professor deve ser o exemplo, já que será capaz de convencer sobre a importância e o prazer da leitura, se estiver convencido disso.

Daí que as propostas dos livros didáticos revelaram-se inadequadas, pois usam o poema como pretexto para estudos meramente normativistas. As raras tentativas de superação dessa prática esbarram no despreparo do professor.

5. CONCLUSÃO

Se nas suas origens, a poesia era uma forma do homem pensar e dar significado ao seu trabalho de transformação da natureza, hoje ela tenta resgatar a capacidade de pensar a realidade, perdida com a alienação do trabalho (e da linguagem) pelo sistema. Nesse processo, a poesia foi tomada de sua origem – o povo -, para ser a representante de uma minoria.

Uma das instituições, senão a principal, responsável pela segregação da poesia é a escola, que ao longo dos séculos, passou a ocupar o lugar da família na formação dos indivíduos. Detentora do saber e da maior ferramenta de acesso a ele – a escrita -, a escola tem proporcionado aos seus alunos experiências dolorosas com o texto poético de forma que, ao invés de aproximar, afasta. Superficialmente justificada por práticas pedagógicas que depois se mostraram equivocadas, uma observação a partir do contexto político-ideológico demonstra a existência de uma vontade de impedir o acesso a essa expressão artística, que tem a transgressão e o questionamento como força motriz.

A importância da escola nesse processo é a prova de que a sensibilidade que permitiu ao homem se diferenciar das outras espécies e construir um sistema complexo de relações entre si e com a natureza que o cercava, está presente na infância e, que, portanto, o lugar para a formação do leitor de poesia é a primeira fase.

Neste sentido, inúmeros são os autores que propõem caminhos para uma “didática da invenção” que ensine a pensar, sem ter como condição a perda da capacidade de “criar imagens e discursos poéticos”. (JEAN, 1989, p. 216) Mesmo que partindo de diferentes perspectivas sobre a prática pedagógica, os autores comungam a idéia de que a poesia é ambigüidade, simbolismo e transgressão. E por isso, as atividades devem destacar o jogo com as palavras, elucidar as imagens construídas pelo poeta para, enfim, questionar a realidade.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASTRO, Manuel Antônio de. **Tempos de metamorfose**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.
- CYNTRÃO, Sylvia Helena. **Como ler o texto poético: caminhos contemporâneos**. Brasília: Plano Editora, 2004.
- COSCARELLI, C. V. **O ensino de leitura: uma perspectiva psicolinguística**. Boletim da Associação Brasileira de Lingüística. V. 19. Maceió: Imprensa Universitária, dez. 1996. p. 163-174.
- FRANCO, José António. **A poesia como estratégia**. Porto: Campo das Letras, 1999.
- GEBARA, Ana Elvira Luciano. **A poesia na escola**. São Paulo: Cortez, 2002.
- GUEDES, Teresa. **Ensinar a poesia**. Coleção Práticas Pedagógicas. Porto: Edições Asa, s/d.
- JOUVE, Vincent. **A leitura**. Trad. Brigitte Hervot. São Paulo: UNESP, 2002.
- MELLO, Ana Maria Lisboa de. A importância da poesia na formação do leitor. In: MELLO, Ana Maria Lisboa de; TURCHI, Maria Zaíra; SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Literatura infanto-juvenil: prosa & poesia**. Coleção Hórus. Goiânia: UFG, 1995.
- YUNES, Eliana. Elementos para uma história da interpretação. In: YUNES, Eliana (org.) **Pensar a leitura: complexidades**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002. p.97-103.

FONTE DE FINANCIAMENTO – PROLICEN/UFG.

ⁱ Bolsista de iniciação científica do PROLICEN. Faculdade de Letras/UFG.
meirilayne.oliveira@gmail.com.br

ⁱⁱ Orientadora. Faculdade de Letras/UFG. g.ortiz@uol.com.br